

*Associação de Pais
do Agrupamento de Escolas de Pinheiro*

Caminhada ProAtividade

Grupo de Educação Física

**Alguns motivos de interesse:
Poço negro (lagoas); cascatas;
fetos raros; carquejas;
medronheiros;
Trilho geológico; minas;
vale negro.**

**Local: Fóz do rio Mau - Poço Negro (Penafiel)
Percurso pedestre e aquático
24 de março de 2012 (sábado)
Início: 9h Duração: +- 3h
Dificuldade média (até 8 km)**

Caminhada Rio Mau

24 de março de 2012

(Texto de apoio¹)



Rio Mau é uma freguesia portuguesa do concelho de Penafiel, com 5,64 km² de área e 1 414 habitantes (2011). Densidade: 250,7 hab/km². Foi criada em 1984 por desanexação da freguesia de Sebolido. Fica na margem direita do rio Douro. Situa-se a

sul da sede do concelho, da qual dista 22 km e a nascente da cidade do Porto de que dista 30 km. Terra que foi de pescadores, antes da construção da barragem de Crestuma-Lever, uma das atividades principais desenvolvidas nesta freguesia duriense era a pesca do sável e da lampreia.

Rio Mau é a capital da apicultura. Percussora nesta atividade que teve no Padre Manuel Sousa Tavares o seu grande impulsionador, hoje conta com modernas unidades da produção de material apícola que exporta. O topónimo *Rio Mau* deriva, sem dúvida, do ribeiro, algo avultado que aí mesmo desagua no Douro, nascido ao norte, no castrejo do Mozinho (significando aí *Rio* o mesmo que o latim *rivu*, não propriamente o curso de água notável, como hoje, mas um ribeiro ou riacho - prova da antiguidade da designação do local).

A história de Rio Mau é muito interessante. Participando do senhorio da estirpe dos padroeiros ou fundadores do não longínquo Mosteiro de Paço de Sousa e, por meio desta estirpe, com os haveres da grande linhagem dos Gascos. Foi desde antes da nacionalidade da paróquia de Santa Eulália de Pedorido, apesar de situado da parte oposta do rio, em frente porém da própria Igreja por doações de cavaleiros e donos das estirpes aludidas, já no século XII possuía aqui haveres o mosteiro de Paço de Sousa.

Na composição de 1235, entre o abade deste (Rio Mau) e a Mesa Conventual, foi cedido à oficina dita de Santa Maria *in rivulo malo unum casale*. Em 1250, por comissão de D. Afonso III, os priores dos mosteiros de Vila Boa do Bispo e de Vilela e o Juiz *da terra* de Aguiar (de Sousa) deram a sentença de não serem reguengadas as *herdades* do mosteiro em Rio Mau e outros lugares, adjudicando-as ao cavaleiro-fidalgo João Martins de Ataíde e seus irmãos e aos mosteiros de que eles eram herdeiros. Alguns dos haveres aqui do mosteiro de Paço de Sousa provinham da doação feita em 1145 por D. Elvira Peres constante de metade íntegra da *villa* e o casal atrás referido foi, por certo, o doado em 1161, com mais haveres noutros lugares da *terra* de Penafiel, por D. Soeiro Pais.

Parece que este casal era sito no lugar da Torre, como se vê de um documento de 1704 e de um emprazamento feito em 1600 a André Soares pelo Convento. Em 1711, fez-se composição entre este e o abade de S. Salvador de Folgosa, sobre o olival de Banhos, pertença da Cavada de Rio Mau, sendo julgada pelo vigário geral de D. Tomás de Almeida, Bispo do Porto. No princípio do século XIX, os habitantes deste lugar, separados do resto da freguesia pelo Douro, requereram à Coroa a inclusão de Rio Mau na freguesia de Sebolido o que lhes foi justamente satisfeito, depois de longos séculos nesta singular situação (originada por certo, dos «dextros» pré-nacionais da Igreja de Santa Eulália de Pedorido).

Em termos de geomorfologia, Rio Mau possui uma serra muito bonita, podendo ser disfrutada, tanto de verão como de inverno: subidas pela serra ou pelo leito do rio.

Se se optar pela subida da serra, verifica-se que as vistas são maravilhosas. Só quem lá vai é que consegue descrever aquilo que vê.

Se conseguirmos aceder a um dos vales da serra, podemos disfrutar de um lugar magnífico, com águas límpidas, ao qual foi dado o nome de 'Poço Negro'. Num destes vales da serra a água escorre pelas pedras xistosas, formando uma cascata ou algo parecido com uma cascata.

ENQUADRAMENTO GERAL

O território nacional compreende três unidades geológicas fundamentais, distintas estruturalmente e cronologicamente:

- Maciço Hespérico,
- Orlas Mesocenozóicas Ocidental e Meridional
- Bacias Cenozóicas do Tejo e do Sado.

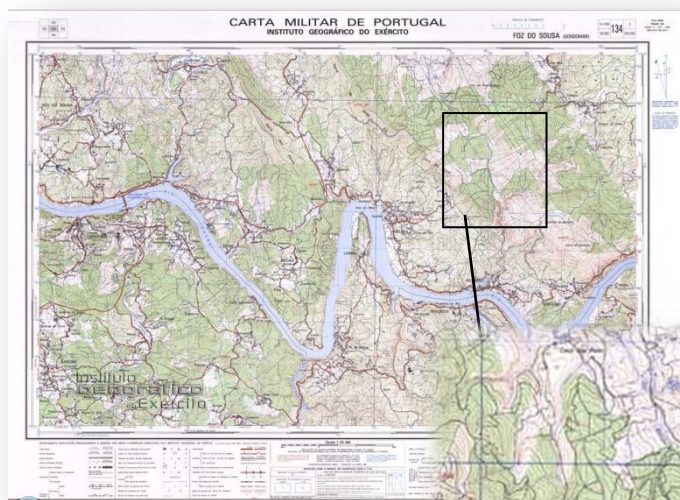


O Maciço Hespérico também designado maciço antigo ou maciço ibérico, caracteriza-se por ser uma região que, desde o final do Paleozóico, está emersa e desde então sujeita à erosão. É formado por terrenos antigos, anteriores à fragmentação do Pangea que ocorreu durante o meso-cenozóico. É constituído por rochas metamórficas, sedimentares e magmáticas com idades compreendidas entre o Pré-Câmbrico e o final do Carbónico Superior. O Maciço Hespérico em Portugal está representado pelas zonas Centro-Ibérica, Ossa-Morena e Sul-Portuguesa. Na Zona Sul-Portuguesa encontra-se a província mineira mais importante de Portugal, A faixa

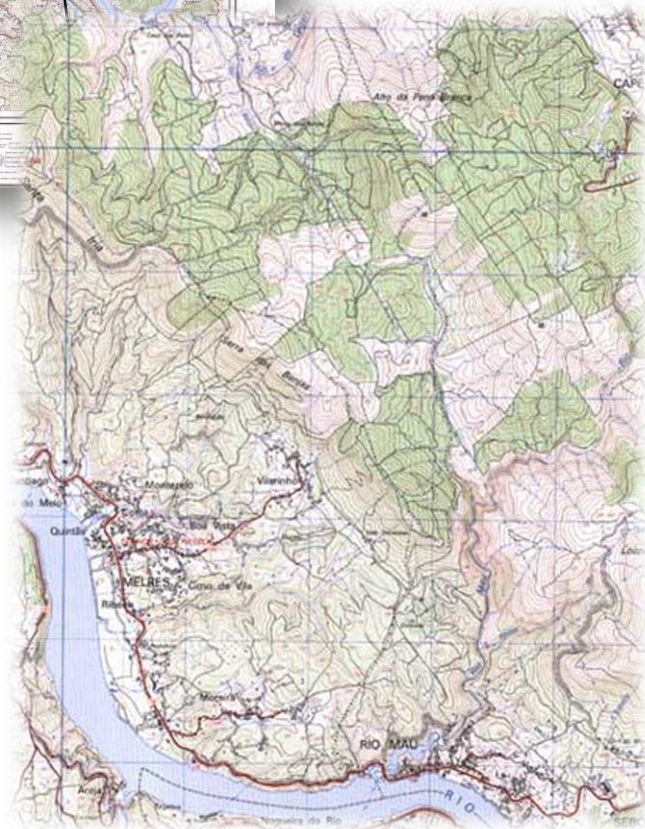
Piritosa, com jazidos minerais de sulfuretos maciços. As rochas que predominam nesta zona são sequências representadas por intercalações de xistos argilosos e grauvaques, que formam o Grupo do *Flysch* do baixo Alentejo.

ENQUADRAMENTO DA ZONA DE VISITA

A área da visita, “Caminhada ProAtividade”, está cartografada na Carta Militar, à escala 1/25000, na folha 134 da Foz do Sousa (Gondomar).



Carta Militar Portugal
n.º134 à escala 1:25000



O rio Mau está localizado na carta geológica, à escala 1/50000, nas folhas 9 D (Penafiel), sendo que a maioria da área envolvente é abrangida por rochas ígneas e

uma pequena parte por rochas metassedimentares, que fazem parte de uma grande estrutura, o Anticlinal de Valongo

A zona de visita faz parte de um conjunto de unidades litológicas da Era Paleozóica, que no seu conjunto formam o Anticlinal de Valongo. Este é uma macroestrutura formada durante a orogenia varisca (orogenia – é um conjunto de processos geológicos responsáveis pela formação das cadeias montanhosas). Nesta zona podemos observar rochas mais escorregadias e lamacentas, às quais é atribuído o nome de rochas xistosas. Da observação direta verificamos várias tonalidades nos xistos, desde o cinzento, ao avermelhado e também esverdeado.

O Anticlinal de Valongo é uma dobra em antiforma (com a abertura voltada para baixo), com os flancos assimétricos e orientados segundo a direção NW-SE. Esta orientação é a direção das cristas quartzíticas que formam as Serras de Valongo que se prolongam para SE, por uma extensão de cerca de 50 km até à região de Castro D'Aire. É nas rochas metassedimentares nesta sequência do anticlinal que ocorrem grande parte dos trabalhos mineiros antigos, entre eles as explorações de maior importância, encontra-se o Couto Mineiro das Banjas (antiga exploração de ouro - Au).

Curiosidade

O Couto Mineiro das Banjas localiza-se no flanco leste do Anticlinal de Valongo e está inserido na Faixa Auroantimonífera do Douro. Nessa zona mineira foram explorados minerais como Chumbo (Pb), Antimónio (Sb) e Ouro (Au).

Antimónio - também chamado estíbio, é um elemento químico de símbolo Sb. É um semimetal que pode ser negro ou amarelo. O antimónio é empregado principalmente em ligas metálicas para dar resistência contra o fogo, em pinturas, cerâmicas, esmaltes, vulcanização da borracha e fogo-de-artifício. Algumas aplicações mais específicas:

- ✓ Baterias e acumuladores;
- ✓ Tipos de imprensa;
- ✓ Revestimentos de cabos;
- ✓ Almofadas e rolamentos.

Chumbo – é um elemento químico de símbolo Pb. É um metal tóxico, macio. Apresenta coloração branco-azulada quando é extraído das minas, porém adquire coloração acinzentada quando exposto ao ar. É usado na construção civil, em baterias de ácido, em munição, em proteções contra raios-X e forma parte de ligas metálicas para a produção de soldas, fusíveis, revestimentos de cabos elétricos, materiais antifricção, metais de tipografia, etc.

Ouro – é um elemento químico de símbolo Au. É um metal de transição brilhante, amarelo, pesado, maleável, dúctil que não reage com a maioria dos produtos químicos, mas é sensível ao cloro e ao bromo. O ouro quase sempre foi utilizado em joalheria, na indústria e na eletrônica.

Curiosidade

Esta área faz parte do Complexo Xisto Grauváquico que forma uma larga faixa, com orientação NW-SE e que aflora no núcleo do Anticlinal de Valongo e de idade Pré-Câmbrico – Câmbrio. Os flancos deste Anticlinal (são constituídos por rochas metamórficas (quartzitos e ardósias), com idade do Ordovício.

Em microscópio estes xistos apresentam a predominância de minerais como o quartzo, sericite e clorite (confere a cor verde) e, em menor quantidade a biotite, feldspatos, turmalina, esfena, zircão, apatite, grafite, rútilo, minerais metálicos, óxidos e hidróxidos de ferro, e por vezes, silimanite, mineral que indica o grau metamórfico elevado atingido por estas rochas. Apresenta um grau metamórfico bastante alto).



ⁱ Com textos redigidos e/ou compilados por Manuel Moreira e Teresa Maria de Carvalho